

## **Perspectivas sobre o casamento a partir das personagens Eveline de James Joyce e Elvira de Clarice Lispector.**

Elaine Conceição Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho destaca duas perspectivas diferentes sobre o casamento. Através de um estudo comparativo dos contos, "Eveline" do escritor irlandês James Joyce e "A fuga" da brasileira Clarice Lispector serão descritos e analisados quais fatores influenciam os posicionamentos das personagens, observando o casamento como forma de se conseguir a libertação, enquanto outra personagem concebe o casamento como uma prisão. O modo como cada uma delas lidava com a ideia do casamento, ou o qual significado tinha para cada uma delas também será descrito. Também será analisado o lugar na sociedade que tais mulheres ocupavam a partir das perspectivas de escritores que fizeram estudos a respeito da posição da mulher na sociedade, especificamente no final do século XIX e início do século XX, como Margaret Rago. Ideologias, culturas e sentimentos, como o medo, estão presentes em ambos contos e essas características podem ser comparadas e estudadas a partir do psicanalista Eric Fromm à respeito do medo de ser livre. Apoiando-se no livro "O medo à liberdade", deste mesmo autor, pode-se perceber que tais perturbações ou inquietações sentidas pelas personagens, são oriundas de percepções culturais sobre a sociedade da época, como a religião, a posição social e a comunidade na qual as mulheres estão inseridas.

**Palavras chave:** Casamento; Liberdade; Opressão;

**ABSTRACT:** This paper highlights two different perspectives on marriage. Through a comparative study of short stories, "Eveline", written by the Irish writer James Joyce and "A Fuga", written by the Brazilian writer Clarice Lispector will be described and analyzed which factors influence the positioning of the characters, describing marriage as a way to freedom, while another character perceives marriage as a prison. The way each dealt with the idea of marriage, or which had meaning for each of them will also be described. Also will analyze the place in society that these women occupied from the perspectives of writers who have made studies about the position of women in society, specifically in the late nineteenth century and early twentieth century, as Margaret Rago. Ideologies, cultures and feelings, like fear, are present in both stories and these characteristics can be compared and studied from the psychoanalyst Eric Fromm about the fear of being free. Relying on the book "O medo à liberdade", this same author, one can realize that such disturbance or uneasiness felt by the characters are from cultural perceptions about the society of that time, such as religion, social position and community in which women are presented.

**Keywords:** Marriage; Freedom; Oppression;

Pensar na ideia de casamento nos remete a um conjunto de ideologias oriundas desde os primórdios da humanidade. Antes de se considerar um ato sagrado, pelas religiões, o casamento foi compreendido como um fenômeno natural, abençoado pelos

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras, Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, campus II. Email: elainedejesus\_ninha@hotmail.com.

antigos homens que desejavam homenagear as divindades provedoras da vida, protetoras da propriedade. A partir desta influencia o casamento recebeu o título de instituição religiosa. Atualmente, diversos conceitos norteiam o casamento, sejam fundamentados na ideia de instituição religiosa, ou baseado em contrato matrimonial jurídico, ou simplesmente uma união amigável. No século XIX e início do século XX, o casamento era basicamente um ato de submissão da mulher frente aos desejos matrimoniais, arranjado pelos pais do casal transformando-se numa união, muitas vezes forçada, em que prevaleceria a dominação do homem sobre a mulher, a responsabilidade da mulher na geração e criação dos filhos, no cuidado com o esposo e com o lar.

Através de uma análise dos contos “*Eveline*” do escritor irlandês James Joyce e “A fuga” da escritora brasileira Clarice Lispector, descreveremos as perspectivas sobre o casamento a partir das personagens de cada um dos contos, bem como analisaremos algumas das possíveis consequências que cada personagem sofreria a partir das suas escolhas. As obras de ficção narram a história de duas mulheres vividas no final do século XIX e início do século XX. Os comportamentos, insatisfações, medos, e outras angústias são semelhantemente descritos e vividos por essas personagens que possuem pontos de vista diferentes acerca do casamento.

O conto “*Eveline*”, do escritor James Joyce, narra a história de uma jovem irlandesa de 19 anos, órfã de mãe que vive com seu pai e seus irmãos. A personagem Eveline, que dá título ao conto, vive um momento de dúvida e insatisfação, um estado em que nada mais servia, pois vivia “presa” a costumes, ideologias e a uma promessa feita a sua mãe antes de morrer que era cuidar dos irmãos e do pai. Porém, ela se sentia cansada e desejava desesperadamente sair de casa, ser livre. Para que isso acontecesse a solução encontrada foi fugir com seu namorado Frank e então casar-se. Tais características vistas em Eveline nos remete ao artigo de Dympna McLoughlin sobre a mulher e a sexualidade no século XIX na Irlanda. A autor cita que a Irlanda, antes do período da grande fome em 1845, era considerada como um país de casamento jovem. Ela também descreve três características das mulheres jovens daquela época, que são possíveis de ser verificadas na personagem Eveline, como o desejo incalculável de casar-se a fim de viver para a família:

*There were essentially three main characteristics of a respectable woman, regardless of class. The first was that she have an overwhelming desire to marry, remain faithful in a life-long union, and remain subordinate and dependent in that relationship. Secondly, the woman's natural sphere was the domestic where she engaged in reproductive and not productive tasks. Mothering became newly defined and confined and the widespread practice of wetnursing became severely curtailed. Thirdly, and most significantly, women's sexuality was totally contained in marriage. This was not true for men and there was public leeway for male "indiscretions". (MCLOUGHLIN, 1994, p. 266)*

Apesar de estar se utilizando da fuga e do casamento para alcançar a liberdade, Eveline, aparentemente, gostaria de ter uma vida conjugal, ser uma mulher casada. Como ela precisava sair de sua casa e a única maneira de isto acontecer era através do casamento. Em um momento de reflexão, Eveline passa a refletir sobre os prós e os contras de sua possível atitude, tenta saber se alguém sentiria sua falta. Em casa, seu pai a maltrata simplesmente por ser uma mulher, no seu trabalho, na loja ou pela vizinhança, seu espaço de visibilidade era reduzido. Então, cercada de dúvidas e medo do futuro, ela vai tentando justificar sua escolha:

*She had consented to go away, to leave her home. Was that wise? She tried to weigh each side of the question. In her home anyway she had shelter and food; she had those whom she had known all her life about her. Of course she had to work hard, both in the house and at business. What would they say of her in the Stores when they found out that she had run away with a fellow? Say she was a fool, perhaps; and her place would be filled up by advertisement (JOYCE, 1992, p. 30).*

Depois deste momento de reflexão e com um amontoado de incertezas, Eveline toma sua decisão de buscar por liberdade. Segundo Eric Fromm, o desejo de liberdade pode ser explicado pela psicanálise como algo inerente ao ser humano. Quando o sujeito cria alternativas com o objetivo de se sentir livre é porque deseja suprir uma necessidade geral à espécie humana. É, possivelmente, o que Eveline vivencia, um desejo inato de liberdade que poderia realizar, casando-se e deixando sua família, em busca de outros

liames: “[...] procurar novos “vínculos secundários” como sucedâneo para os vínculos primários que se perderam”, diz Eric Fromm (FROMM, 1983, p. 118).

Eveline, mesmo sendo jovem e desempenhando uma profissão, já tinha alguns costumes e crenças internalizados. Sabia que o casamento era algo muito importante, até mesmo sagrado e que a faria uma mulher respeitada, que ela mesma saberia cuidar da casa, do marido e dos seus filhos. Uma caracterização de uma época em que a Irlanda era um país marcado pelo casamento jovem. Os casamentos se realizavam a partir dos 15 anos, considerando a possibilidade de geração imediata de filhos. Para Eveline, casar-se naquele momento era a coisa certa a fazer e estava de acordo com as regras culturais de onde vivia. A personagem vem representar uma parte das características atribuídas à mulher do século XIX, visivelmente ligada aos costumes patriarcais. Em outro contexto, de acordo com Margareth Rago, a sociedade do século XIX, a partir de sua primeira metade, seguia um modelo burguês à respeito das funções sociais e culturais da mulher:

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX prega novas formas de comportamento e etiqueta [...] um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família [...] (RAGO, 1989, p. 62).

Fugir com Frank, casar e ir morar na Argentina era o sonho de Eveline, porém, apesar da sombra de dúvidas, sentia-se forte e aparentemente decidida a fazer o que planejava, até a hora exata de sua fuga. Fugir numa embarcação lhe traria uma nova vida, sua liberdade e também um futuro perfeito, um novo lar ao lado de um homem ideal, honesto, romântico, trabalhador e viril.

She was about to explore another life with Frank. Frank was very kind, manly, openhearted. She was to go away with him by the night-boat to be his wife and to live with him in Buenos Ayres where he had a home waiting for her (JOYCE, 1992, p. 31).

Próxima a realizar a fuga, Eveline sente medo de mudar, de ser livre. Ela se lembra da promessa que fizera à sua mãe antes de morrer, que cuidaria de seu pai e de seus irmãos. Ainda sem conseguir sair de casa, somente na janela, ela não encontra forças,

vê-se inútil, covarde, mas ainda segue seu rumo, fingindo não temer, pois seu amado cuidaria dela.

Escape! She must escape! Frank would save her. He would give her life, perhaps love, too. But she wanted to live. Why should she be unhappy? She had a right to happiness. Frank would take her in his arms, fold her in his arms. He would save her. (JOYCE, 1992, p. 33).

De repente, Eveline desiste da tão sonhada fuga e conseqüentemente do seu sonho de liberdade. Ao lembrar-se da promessa feita à mãe e dessa, ela não consegue embarcar, o medo a venceu. Quando desiste da fuga, renunciando sua independência: "*Come!*" *No! No! No! It was impossible. Her hands clutched the iron in frenzy.*" (JOYCE, 1992, p.34), Eveline diz não a uma nova vida, que a deixaria longe dos sofrimentos que a cercavam desde sua infância. Eric Fromm explica essa sensação de medo como uma espécie de tendências masoquistas:

As tendências masoquistas são amiúde consideradas como simplesmente patológicas ou irracionais. Mais comumente são racionalizadas. A dependência masoquista é concebida como amor ou lealdade, sentimentos de inferioridade como a manifestação adequada de deficiências reais; e o sofrimento pessoal como sendo inteiramente devido a circunstâncias que não se podem modificar (FROMM, 1989, p. 119).

A história termina com a decisão inesperada de Eveline em continuar vivendo a mesmice que sua vida oferecia, viver em Dublin com seu pai, cuidar da casa e da família, trabalhar duro sem ter nenhuma perspectiva de mudança. Ressalta-se certas inserções do narrador em querer mostrar fragilidade da mulher diante de tais circunstâncias.

O conto "A fuga", da escritora Clarice Lispector narra uma história muito semelhante à de "Eveline". A personagem Elvira, protagonista do conto é uma mulher casada com um homem de negócios da sociedade carioca da década de 40. Elvira apresenta-se como um típico exemplo de mulher ideal, de dona de casa, esposa. O casamento, no entanto, torna-se uma prisão para Elvira. Oprimida, ela possuía um desejo imenso de ser livre, de sair de casa e viver uma vida de verdade, diferente daquele em

que se sentia prisioneira. Então decide deixar sua casa, sua família e parte quase sem destino, vagando pelas ruas da cidade e refletindo sobre sua decisão:

Agora que decidira ir embora tudo renascia. Se não estivesse tão confusa, gostaria infinitamente do que pensara ao cabo de duas horas: “Bem, as coisas ainda existem”. Sim, simplesmente extraordinária a descoberta. Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira a si mesma: - primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam (LISPECTOR, 1999, p. 74).

Apesar da decisão, Elvira sofre muito durante sua jornada. Era rica e tinha tudo, ou quase tudo, que uma mulher poderia ter, segundo os padrões culturais pré estabelecidos, exceto a liberdade perdida com aquele casamento. O medo de Elvira mostra um aspecto da realidade que algumas mulheres do início do século XX sentiam, uma vez que nesse período as mulheres batalhavam por um reconhecimento de seus direitos, de sua autonomia sentimental, política e intelectual. A elas ainda não era dado o direito de terem voz ativa na sociedade, não podiam trabalhar onde desejavam, nem opinar sobre seu próprio casamento ou sobre os rumos que a família deveria tomar. Não podiam sequer reconhecer, muito menos àquilo a que diz respeito sobre si mesmas, os sentimentos de amor, ódio, paixão, desejos, etc. Essas características de Elvira, apesar de se tratar de uma ficção, nos remete a ideia trazida por Margareth Rago sobre as atitudes e comportamentos das mulheres brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 que estavam associadas ao fato das imposições feitas pela sociedade burguesa, os parâmetros de como a mulher deveria se comportar ou qual seria sua função na sociedade.

À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou desvio (RAGO, 1985, p. 62)

Elvira tenta não se arrepender de ter deixado seu casamento. Às vezes pensava no seu marido e na surpresa que o mesmo teria ao chegar em casa e não encontrá-la. Durante três horas ela estava vivendo o que não vivia há 12 anos, estava sorrindo, sentindo fome, frio. Aquilo que ela sentia se chamava liberdade, Elvira estava sendo uma

mulher corajosa, seria o que ela tanto desejava ser: “[...] eu era uma mulher casada e sou agora uma mulher.” (LISPECTOR, 1999, p. 76). Todos os sentimentos que vivia ali eram perfeitos, até a fome que passou a sentir. Elvira parecia estar decida a deixar seu marido, seu casamento, com poucos sinais de arrependimento:

Agora está com fome. Há doze anos não sente fome. Entrará num restaurante. O pão é fresco, a sopa é quente. Pedirá café, um café cheiroso e forte. Ah, como tudo é lindo e tem encanto. O quarto do hotel tem um ar estrangeiro, o travesseiro é macio, perfumado, a roupa limpa. E quando o escuro dominar o aposento, uma lua enorme surgirá, depois dessa chuva, uma lua fresca e serena. E ela dormirá coberta de luar [...] (LISPECTOR, 1999, p. 77).

Mesmo se esforçando, a personagem não conseguia esquecer completamente sua vida, sua rotina e, por isto, passa a sentir medo de ser plenamente livre. Segundo Eric Fromm, essa situação é analisada pela psicologia como um tipo de adaptação. Elvira vive o que se chama de “adaptação dinâmica”. Essa adaptação ocorre quando o ser humano se adapta as necessidades da situação na qual ele se encontra, ocorrendo algo dentro de si que pode ser uma revolta, submissão ou aceitação. “Esta hostilidade reprimida, contudo, embora não-manifesta, é um fator dinâmico de sua estrutura de caráter.” (FROMM, 1983, p.23).

Quando chegava a hora de mudança de vida, Elvira ainda pensa na possibilidade de não ter dinheiro e não poder pagar um hotel, sente-se impotente. Dependente do marido, ela analisa todas as possibilidades ciente do olhar da sociedade sobre ela mesma. O que eles fariam, como a descreveriam em um local que seria inadequado para uma senhora estar sozinha:

Mas ela não tem suficiente dinheiro para viajar. As passagens são tão caras. E toda aquela chuva que apanhou, deixou-lhe um frio agudo por dentro. Bem que pode ir a um hotel. Isso é verdade. Mas os hotéis do Rio não são próprios para uma senhora desacompanhada, salvo os de primeira classe. E nestes pode talvez encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios (LISPECTOR, 1999, p. 78).

Elvira sofre a todo tempo calada, como se nada estivesse acontecendo com ela, se mostra alguém feliz que não é, de fato. A história é finalizada com o retorno de Elvira para sua casa e para seu marido, viver as aparências do seu casamento, em função dos outros, voltando assim a assumir sua função de mulher casada. Seu marido sequer nota seu estado, resultado da curta experiência de liberdade, tratando-a como de costume. “Ele beija-a no rosto e diz que o acorde às sete horas em ponto. Ela promete e torce o comutador” (LISPECTOR, 1999, p. 78).

O comportamento de Elvira nos remete a um perfil frustrado de pessoa que tem ciência das mudanças que pode fazer em sua vida mas não as realiza. Os sentimentos de inferioridade, total dependência e um desejo inconsciente de mudar e ao mesmo tempo não querer mais isto são algumas características visíveis das pessoas que preferem não confrontar o estado de sua situação, ou se afirmarem, deixando de agir como querem:

A análise de pessoas obcecadas por estes sentimentos revela que, embora conscientemente se queixem e queiram livrar-se deles, inconscientemente há uma força em seu íntimo que as leva a sentirem-se inferiores ou insignificantes. Muitas vezes não são capazes de experimentarem a sensação de “Eu quero” ou “Eu sou”. A vida, como um todo, é sentida por elas como algo esmagadoramente poderoso que não podem dominar nem controlar (FROMM, 1983, p. 118).

Os contos em análise mostram uma série de características semelhantes e alguns paradoxos no que diz respeito do ato de casar e suas consequências. O casamento para Eveline seria a solução, a única maneira de ser sair de casa e ter uma nova vida, morando em outro país e esquecendo todas as mágoas adquiridas durante os 19 anos que passou vivendo com o pai. Eveline a todo tempo se mostrava uma mulher forte e feliz, até mesmo destemida, com vários objetivos a ser conquistados depois de se casar. Talvez, o casamento para Eveline poderia lhe trazer também além da liberdade, alegria, uma vez que Frank a fazia muito feliz. É como se ela usasse uma certa “máscara” para tentar lidar com tantos problemas e medos:

*He took her to see The Bohemian Girl and she felt elated as she sat in an unaccustomed part of the theatre with him. He was awfully fond of music and sang a little. People knew that they were courting and, when he sang about the lass that loves a sailor, she always felt pleasantly confused. He used to call her Poppens*

*out of fun. First of all it had been an excitement for her to have a fellow and then she had begun to like him (JOYCE, 1992, p. 32).*

Para Elvira, o casamento só lhe trouxe uma vida tediosa. Apesar de ter tudo aquilo que se dizia necessário à vida de uma mulher, não era feliz, pois não se sentia uma mulher de verdade. Possivelmente Elvira poderia ter algum dia pensado como a jovem Eveline do conto de Joyce e as consequências não terem sido as mais animadoras. Quando Elvira volta para casa, ela simplesmente mostra seu lado frágil, resultado de uma criação opressora e rígida na qual o homem era considerado o superior enquanto a mulher só deviria prestar-lhe obediência. Margareth Rago afirma que no Brasil, a mulher desde a infância era educada por leis severas, que indicavam como deveriam preencher os requisitos supostamente definidos pela natureza, de gerar e criar os filhos, deixando claro as consequências para aquelas que não cumprissem tais ordens.

Assim, aquela que não preenchesse os requisitos estipulados pela natureza, inscrevia-se no campo sombrio da anormalidade, do pecado e do crime. Não amamentar e não ser esposa e mãe significava desobedecer a ordem natural das coisas, ao mesmo tempo que se punha em risco o futuro da nação (RAGO, 1985, p.79).

Essas personagens não conseguiram realizar seus desejos. Ambas se sentem impotentes e decepcionadas com a vida que levam e com as duras obrigações que lhe são impostas. Elas sofreram o que Erich Fromm chama de frustrações da vida, um sentimento de impotência que bloqueia intelectualmente o sujeito, tornando o ser humano desacreditado de si mesmo. Fromm faz um alerta, dizendo que: “Este bloqueio interior é agravado pelos tabus culturais contra o prazer, a felicidade [...]” (FROMM, 1983, p. 147).

Como consequência, Eveline e Elvira podem perder sua identidade, uma vez que, uma personagem, frustrada, não conseguiu experimentar o casamento, enquanto a outra frustrou-se ao tê-lo consumado. Embora elas tivessem a opção de se libertarem do regime que as oprimiam, não conseguem se descobrir como mulheres livres, supostamente preferindo retornar ao “lugar de conforto”, se acomodando em suas rotinas, aparentemente calma e segura, no mundo que as inseriram, resultado da não possibilidade de se enxergarem sujeitos autônomos, diferentes de duas pessoas

oprimidas pelo medo. Podemos afirmar a ideia da perda de suas próprias identidade, a partir das palavras de Fromm, quando afirma que:

A perda do eu e sua substituição por um pseudo-eu deixam o indivíduo em um estado de intensa insegurança. Ele fica obcecado por dúvidas, já que, sendo essencialmente um reflexo das expectativas que outras pessoas tem com relação a ele, de certo modo perdeu sua identidade...ele se vê compelido a conformar-se, a procurar sua identidade graças a continua aprovação e reconhecimento dos outros (FROMM, 1983, p. 165).

### **Considerações Finais**

As personagens apresentadas nos fez analisar como as mulheres se veem diante de algumas adversidades da vida. O medo poderia ser o fator principal que impedia Eveline de casar-se e Elvira de deixar o casamento. Podemos dizer que as personagens tiveram mais dificuldades em realizar seus objetivos, pelo fato do casamento ser visto como algo sagrado, uma instituição religiosa, tanto para quem aceitá-o quanto para que o rejeita. Na tentativa de explicar as perspectivas sobre o casamento, é importante ressaltar que os contos que escritos em épocas diferentes. James Joyce pretendia escrever no livro *Dubliners*, a vida moral da Irlanda, permitindo que os leitores à época pudessem se enxergassem nestes retratos da cultura. Outro diferencial é que o narrador construído por Joyce possui um estilo pretensamente neutro durante a narrativa, deixando para o leitor a responsabilidade de tirar suas próprias conclusões acerca da história e de sua própria vida.

Clarice Lispector possui em seus contos o universo feminino sempre presentes, pontuados por sentimentos, relações amorosas, sofrimentos, desilusões, desencontros. Clarice, ao contrário de Joyce, costuma usar temas femininos relacionados como o estado psicológico e físico das personagens, muitas vezes deixando claro o desfecho da história. A maioria das personagens de Clarice estão inseridas em um mundo estereotipado, no qual tinha plena consciência da submissão ao poder masculino.

Portanto, ambos autores oferecem uma importante contribuição à crítica do pensamento burguês, uma maneira de criticar a sociedade, o sentimento de impotência

feminino, que até nos dias atuais ainda está exposto como a única representação da mulher.

## Referências

FROMM, Eric. **O Medo à Liberdade**. Tradução de Octávio Alves Velho. 14<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

JOYCE, James. **Dubliners**. New York: Peguin, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **A Bela e a Fera**. Rio de Janeiro: Rocco: 1999.

MCCLOUGHLIN, D. **Woman and Sexuality in nineteenth century Ireland**.1994. Disponível em: <[http://eprints.nuim.ie/3536/1/DM\\_Women.pdf](http://eprints.nuim.ie/3536/1/DM_Women.pdf) >.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SOLANGE, M.S.S. **Casamento: A complexidade do Conceito**. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FDir/Artigos\\_2008/CASAMENTO\\_a\\_complexidade\\_do\\_conceito\\_Martha\\_Saad.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FDir/Artigos_2008/CASAMENTO_a_complexidade_do_conceito_Martha_Saad.pdf)>.

WALZLÉ, F.L. **Pattern of Paralysis in Joyce's Dubliners: A Study of the Original Framework**.1961.Disponível em:<http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>>